

A psicologia no
Brasil:
Teoria e pesquisa

3

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2022

A psicologia no
Brasil:
Teoria e pesquisa

3

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora



Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa 3

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa 3 / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0149-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.490222004>

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa*, reúne neste terceiro volume dezesseis artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

A Psicologia enquanto campo teórico-metodológico traz em suas raízes tanto a especulação filosófica sobre a consciência, a investigação psicanalítica do inconsciente, quanto a prática dos efeitos terapêuticos da medicina e em especial da fisiologia.

E, desse ponto de partida se expande a uma infinidade de novas abordagens da consciência humana, creditando ou não algum poder para o inconsciente como plano de fundo.

A presente coletânea trata de algumas dessas abordagens em suas elaborações mais atuais como podemos ver nos primeiros capítulos em que se tratam do inconsciente em suas relações com os corpos, as contribuições socioeducativas entre outros olhares para o que é abarcado pelo psiquismo humano.

Em seguida temos alguns temas situacionais de nossa realidade imediata quanto aos efeitos psicológicos do isolamento social e o medo da morte.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1 A CONSTRUÇÃO DE UM DISPOSITIVO COMO PRÁTICA CLÍNICA DE TRANSFORMAÇÃO

Patricia Beretta Costa

Renata Zarenczansky

Shaienie Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220041>

CAPÍTULO 2..... 11 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DOS FILMES DE PRINCESAS DA DISNEY

Taiza dos Santos de Andrade

Amanda Caroline de Sousa Coelho

Eduardo Augusto Soares

Julia Rocha da Silva

Lehanna Aymberê Schinkel

Leticia Gabrielly Fernandes

Sara Zeschotko Silva

Luciana Elisabete Savaris

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220042>

CAPÍTULO 3..... 22 EXPERIÊNCIAS ADVERSAS NA INFÂNCIA: AS IMPLICAÇÕES DA VIOLÊNCIA INFANTIL DURANTE A VIDA ADULTA

Thais Cristina Gregório Contin

Daniel Massayuki Ikuma

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220043>

CAPÍTULO 4..... 36 PROJETO RECONTAR: UMA COLEÇÃO DE VIVÊNCIAS LGBTQIAP+ EM SERGIPE

Fernanda Rodrigues Messias

Gabriel Chagas Rodrigues

Tháisa de Oliveira Cristino

Marcela de Carvalho Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220044>

CAPÍTULO 5..... 48 UM ESTUDO SOBRE O AUTISMO E A HABILIDADE DE IMITAÇÃO

Cátia Michele dos Santos Martini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220045>

CAPÍTULO 6..... 52 RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM MOVIMENTO ESTUDANTIL DE PÓS-GRADUAÇÃO:

A FORÇA DA INTERDISCIPLINARIDADE NA GESTÃO

Graziela de Fátima Souza Carmo

Fábio dos Passos Carvalho

Gabriela Cunha Corrêa Freitas de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220046>

CAPÍTULO 7..... 61

A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA NO DIAGNÓSTICO DA SÍNDROME DE DOWN

Luísa Camelo Bueno

Juliana Santos de Souza Hannum

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220047>

CAPÍTULO 8..... 69

DESAFIOS DO PSICÓLOGO (A) ESCOLAR NA PANDEMIA X VERSUS HABILIDADES SOCIAIS

Sueli de Oliveira Gonçalves

Tatiana Aparecida da Silva Moreira

Débora de Souza França Tito

Maria Aurora Dias Gaspar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220048>

CAPÍTULO 9..... 82

DESAFIOS IMPOSTOS PELA PANDEMIA: AFASTAMENTOS E AVALIAÇÃO DE ESTRESSE DE PROFESSORES DA REDE DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE ARAPUTANGA-MT

Lindinalva de Souza Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220049>

CAPÍTULO 10..... 102

HIGHER EDUCATION TEACHER'S EUSTRESS: COGNITIVE EVALUATION OF A SITUATION AS ENHANCER OF WELL-BEING

Susana Barros Fonseca

Filomena Jordão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49022200410>

CAPÍTULO 11..... 108

PSICOLOGIA E REDES SOCIAIS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Maurício Pimentel Homem de Bittencourt

Patricia da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49022200411>

CAPÍTULO 12..... 129

OS RISCOS DAS CRIANÇAS NO MANEJO DE REDES SOCIAIS E JOGOS ELETRÔNICOS: CONTROLE PARENTAL POR MEIO DO APLICATIVO QUSTODIO

Fabrizia Miranda de Alvarenga Dias

Liliane Barreto

Daniele Fernandes Rodrigues

Luanna Alvarenga Dias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49022200412>

CAPÍTULO 13..... 139

O USO DOS JOGOS NO DESENVOLVIMENTO DA INTERAÇÃO DE ALUNOS COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA)

Kaliane Oliveira Silva

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49022200413>

CAPÍTULO 14..... 152

QUEREMOS QUE A GENTE FALE E ELE OBEDEÇA”: DIFICULDADES NO ESTABELECIMENTO DE LIMITES

Ana Caroline Dias da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49022200414>

CAPÍTULO 15..... 163

O IMPACTO DA EQUITAÇÃO TERAPÊUTICA NA CRIANÇA COM PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO

Filipa Mendes

Maria Celeste de Sousa Lopes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49022200415>

CAPÍTULO 16..... 173

LA EQUINOTERAPIA COMO ALTERNATIVA TERAPÉUTICA PARA LA ATENCIÓN DE NIÑOS CON PARÁLISIS CEREBRAL

Ana Laura España Montoya

Karla Daniela Rodríguez Díaz

Alma Delia Guzmán Díaz

Cristina Salcido Rodríguez

Elizabeth López Saucedo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49022200416>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 185

ÍNDICE REMISSIVO 186

CAPÍTULO 3

EXPERIÊNCIAS ADVERSAS NA INFÂNCIA: AS IMPLICAÇÕES DA VIOLÊNCIA INFANTIL DURANTE A VIDA ADULTA

Data de aceite: 01/02/2022

Thais Cristina Gregório Contin

Discente do curso de Psicologia da Faculdade Barretos
Barretos- SP

Daniel Massayuki Ikuma

Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo, psicólogo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP, docente na Faculdade Barretos e orientador do artigo científico.
Barretos- SP

RESUMO: A violência infantil é um fato recorrente, não só no Brasil, mas no mundo, sendo em sua maioria promovida dentro do ambiente familiar, deixando as crianças desprotegidas em seu próprio lar. Ser vítima de violência ainda na infância pode ocasionar inúmeras consequências na vida adulta. A presente pesquisa busca compreender quais os tipos de violência que ocorrem com mais frequência e as implicações que podem resultar a longo prazo. Para melhor compreensão sobre a temática, utilizou-se como método investigativo uma revisão na literatura científica de cunho qualitativo. Os dados obtidos por meio dos artigos analisados demonstram certa similaridade em seus resultados, evidenciando assim, que a violência sofrida ainda na infância acarreta imensuráveis traumas, afetando principalmente as relações interpessoais e familiares, além de danos na saúde física e mental dos indivíduos abusados. Portanto, viver em um

ambiente disfuncional pode trazer consequências negativas de sofrimento, deixando aos sujeitos um vazio afetivo.

PALAVRAS-CHAVE: violência infantil; abuso infantil; vida adulta.

ADVERSE CHILDHOOD EXPERIENCES: THE IMPLICATIONS OF VIOLENCE AGAINST CHILDREN IN ADULTHOOD

ABSTRACT: Violence against children has become a recurring factor, not only in Brazil, but in the whole world. Most of the times happening inside the family environment, leaving children unprotected in their own home. Being a victim of violence as a child leaves countless consequences that continue into adulthood. This research seeks to understand which types of violence occurs most frequently and its implications in the long term. Thus, as an investigative method was used a review of qualitative literature. The data obtained through the analyzed articles demonstrate a certain similarity in their results, thus showing that violence suffered in childhood causes immeasurable trauma, mainly affecting interpersonal and family relationships, in addition to damage to the physical and mental health of abused individuals. Therefore, living in a dysfunctional environment can bring negative consequences and suffering, leaving the person with an emotional emptiness.

KEYWORDS: Violence against children; child abuse; adult life.

INTRODUÇÃO

O termo Experiências Adversas na Infância (EAI) refere-se a eventos potencialmente traumáticos relacionados a qualquer tipo de abuso e outras experiências que sejam prejudiciais ao desenvolvimento de um indivíduo, podendo ocasionar implicações negativas e duradouras em sua saúde e bem-estar (BOULLIER; BLAIR, 2018). A Organização Mundial da Saúde (OMS) define violência como:

Uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG *et al.*, 2002, p. 5).

Para Silva (2002) a violência pode ocorrer por meio das relações sociais e interpessoais, envolvendo sempre as relações de poder. A autora revela que o fenômeno não constitui a essência do indivíduo e afirma que se encontra enraizado na cultura, naturalizado aos olhos do senso comum. Desse modo, tornou-se legítimo o fato de um indivíduo mais forte exercer dominação e poder sobre o mais fraco, fenômeno ao qual Faleiros (1995 *apud* SILVA, 2002) intitula de “Fabricação da Obediência”. Han (2017) reitera que a violência impede a vítima de agir em concordância com sua vontade, tornando-a um ser obediente à mercê do agente de poder.

O abuso infantil é considerado um problema de saúde pública a nível mundial, visto que, marca a vida do indivíduo drasticamente, produzindo ainda, sequelas que perduram para além da infância. Esse tipo de violência é classificado pela OMS como:

A violência que ocorre em crianças e adolescentes, seja ela de natureza física, sexual, emocional/psicológica ou de negligência, resultando em um dano à saúde, ao desenvolvimento, sobrevivência e dignidade do indivíduo. Aproximadamente 3 de 4 crianças com idade entre 2 e 4 anos sofrem constantemente com castigos físicos ou violência psicológica por seus pais ou responsáveis, neste contexto, deve-se levar em consideração que os maus tratos causam estresse e prejudicam o desenvolvimento inicial do cérebro e na vida adulta podem sofrer com problemas de saúde física e mental (OMS, 2020, tradução nossa).

A violência física é caracterizada por todo ato que tenha intenção de provocar dor física em uma criança, seja ele um tapa, espancamento, beliscões, chutes, queimaduras ou qualquer ação que a coloque em risco de morte. A negligência ocorre quando se omite da criança os cuidados básicos para seu desenvolvimento, como má alimentação, privação de alimentos, ambiente inadequado para se viver, falta de vestimentas adequadas e o abandono -categoria com o maior índice de denúncias no país - que em situações severas pode levar a criança a óbito (AZEVEDO; GUERRA, 2003; BRASIL, 2010). Violência psicológica ou emocional refere-se a qualquer ação depreciativa que gere sofrimento

emocional na criança, prejudicando sua autoestima, desenvolvimento e autoaceitação, sendo característico dessa categoria a rejeição, discriminação, desrespeito, agressão verbal, superproteção, manipulação, etc. É denominado abuso sexual infantil os atos sexuais que buscam satisfazer desejos de adultos, não sendo necessário a consumação em si, mas o toque inapropriado, a intenção de devassar e explorar a criança (CEARÁ, 2020).

Esses eventos traumáticos ainda na infância possuem ligação direta com possíveis psicopatologias em adultos como déficit de atenção (TDAH), transtornos da personalidade, depressão, ansiedade, além de provocar um impacto significativo na cognição, nos sentimentos e sociabilidade. Ser exposto a traumas, como o abuso e a negligência logo na primeira infância pode gerar efeitos negativos nas relações interpessoais, principalmente no estilo de apego quando o agressor faz parte do círculo nuclear do indivíduo. Quando se vivencia sentimentos de rejeição e insegurança pode-se ocasionar na criança alterações em sua percepção de si mesma, do mundo e na confiança para com os outros (DYE, 2018).

As experiências estressantes vivenciadas nos primeiros anos de vida podem resultar em doenças crônicas, como a obesidade, diabetes e hipertensão. Além disso, as vítimas de violência têm maior probabilidade de desenvolver comportamentos de risco como o abuso de álcool e outras drogas, automutilação, transtornos alimentares e tentativas de suicídio (DYE, 2018).

A violência intrafamiliar infantil não é um fenômeno contemporâneo, pois desde a antiguidade há relatos de maus-tratos, negligência e abuso sexual. Os atos violentos ainda são utilizados como forma de punição, justificados pela necessidade de disciplina e obediência perante as figuras de poder, no caso, pais e/ou responsáveis. Ainda que existam documentos antigos que demonstrem o interesse da sociedade em extinguir os castigos e maus-tratos, somente em 1880, com textos publicados por Tardieu, que a violência passou a ser associada com a saúde e o bem-estar infantil (MINAYO, 2006).

Já na década de 1960, médicos e outros profissionais da saúde notaram o número elevado de casos de agressão em crianças e seus efeitos negativos para o crescimento e ao desenvolvimento. Levado pela temática, o pediatra Kempe e outros desenvolveram, em 1962, a expressão “síndrome do bebê espancado”. A partir disso, profissionais da saúde de diversos países começaram a diagnosticar e reconhecer os atos de violência infantil como um problema de saúde (MINAYO, 2006; NJAINE; ASSIS; CONSTANTINO, 2013).

No Brasil, o assunto ganhou notoriedade com a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, por meio da lei Nº 8.069, que visa garantir através dos meios legais a qualidade de vida e proteger a dignidade das crianças e dos adolescentes. Conforme descrito no Art. 5º da mesma lei:

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus

Após a implementação do ECA, outros dispositivos foram criados para assegurar que essas medidas protetivas estejam sendo exercidas para minimizar e extinguir tais atos e suas consequências dolorosas. Todavia, nota-se que, apesar de todas as leis e recursos disponíveis, o abuso ainda ocorre em grande escala, provando ser necessário intensificar o combate à violência infantil.

O abuso, além de causar na criança dor e sofrimento, a priva de se desenvolver adequadamente provocando uma ruptura em sua infância, deixando marcas em sua vida para sempre. O combate à violência carece de medidas de prevenção e proteção da sociedade como um todo, dado ao caráter vulnerável das crianças. Por isso é de extrema importância compreender os aspectos da violência infantil e suas possíveis consequências por meio de uma revisão na literatura científica, visando identificar os tipos de violência mais frequentes, suas implicações a longo prazo e evidenciar à população a complexidade da temática e como ela pode afetar negativamente a vida do indivíduo por toda sua existência.

MÉTODO

Como método de pesquisa, escolheu-se a revisão bibliográfica. Integra-se nesta categoria toda bibliografia publicada, seja ela de forma impressa ou eletrônica como em jornais, revistas, livros, periódicos científicos, monografias, ou por meio dos veículos de comunicação como programas de rádio, televisão, filmes etc. Mediante ao estudo, o pesquisador analisa o conteúdo por meio de perspectivas e abordagens diferentes das utilizadas anteriormente, proporcionando novas ideias e conclusões (MARCONI; LAKATOS, 2021).

Para uma maior compreensão da temática abordada, utilizou-se a pesquisa bibliográfica sistemática de caráter qualitativo nas plataformas Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) com os seguintes descritores; “violência infantil”, “abuso infantil”, “trauma e infância” e “vida adulta”.

A revisão sistemática tem na literatura sua fonte de dados e, por meio de uma síntese de evidências, analisa criteriosamente os estudos mais relevantes sobre determinado assunto (BRASIL, 2012). Sampaio e Mancini (2007) descrevem o processo de uma revisão sistemática da seguinte forma: a) Formular a pergunta científica, especificando o contexto de interesse; b) Estabelecer a base de dados que será consultada e os descritores a serem utilizados; c) Determinar os critérios de seleção dos artigos; d) Conduzir busca nas bases de dados escolhidas com base nos critérios definidos e definir a seleção inicial de artigos; e) Empregar os critérios na seleção dos artigos e justificar as possíveis exclusões; f) Analisar e avaliar criticamente os estudos incluídos na revisão; g) Preparar um resumo crítico, sintetizando as informações dos artigos utilizados na revisão; h) Apontar uma conclusão, esclarecendo a evidência sobre os efeitos da intervenção.

A análise da pesquisa ocorreu em três idiomas, sendo eles: Português, Inglês e Espanhol, com trabalhos publicados entre 2016 e 2021. Por meio de uma pesquisa realizada entre os dias 12 e 13 de agosto, foram encontrados 57 artigos. Após a exclusão das duplicatas fez-se a leitura de 28 trabalhos onde 8 foram excluídos por não abordarem a temática estudada, restando assim 20 artigos a serem analisados.

Para melhor compreender a temática, os trabalhos deveriam responder três perguntas: a) o(s) tipo(s) de violência sofridos; b) o gênero das vítimas; c) as implicações na vida adulta. Com isso, 13 artigos foram excluídos por não responder as perguntas citadas acima, restando assim 7 artigos a serem discutidos na pesquisa.

Conforme o fluxograma abaixo:

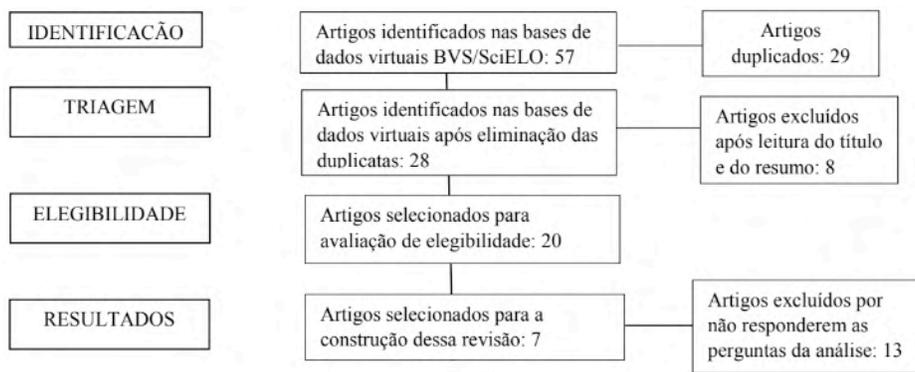


Figura 1 - Fluxograma.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir dos dados coletados e analisados pôde-se observar que o fenômeno da violência infantil ocorre principalmente dentro do ambiente familiar. Os artigos selecionados retratam as possíveis implicações na vida adulta causadas por estes eventos traumáticos.

Nº	Autores/País	Ano	Título	Objetivo
1	Suárez; Gallardo (México)	2020	<i>Impacto en la parentalidad en hombres abusados en su infancia.</i>	O artigo analisa a forma como homens abusados lidam com a sua parentalidade.
2	Schmidt <i>et al.</i> (Brasil)	2020	Associação entre traumas na infância e a representação de apego parental na vida adulta.	Este artigo busca compreender a associação dos traumas na infância e as representações de apego na vida adulta.
3	Tedgård; Råstam; Wirtberg. (Suécia)	2018	<i>Struggling with one's own parenting after an upbringing with substance abusing parents.</i>	O objetivo deste estudo é identificar os desafios enfrentados por filhos de pais viciados em substâncias em sua parentalidade.

4	López <i>et al.</i> (Catalunha)	2017	<i>Impacto del abuso sexual durante la infancia-adolescencia en las relaciones sexuales y afectivas de mujeres adultas.</i>	Nesta pesquisa busca-se compreender o impacto do abuso sexual infantil nas relações sexuais e afetivas de mulheres adultas.
5	Lira <i>et al.</i> (Brasil)	2017	<i>Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta.</i>	Este estudo visa compreender as repercussões do abuso sexual sofrido na infância em mulheres que frequentavam um centro de referência da mulher.
6	Vitriol <i>et al.</i> (Chile)	2017	<i>Depresión adulta y experiencias infantiles adversas: evidencia de un subtipo depresivo complejo en consultantes de la atención primaria en Chile.</i>	A pesquisa busca determinar as variantes da depressão encontradas em adultos que vivenciaram experiências adversas na infância.
7	Teixeira <i>et al.</i> (Brasil)	2017	<i>An exploration of addiction in adults experiencing early-life stress: a metanalysis.</i>	O artigo investiga por meio de uma metassíntese a correlação entre o estresse vivenciado nos primeiros anos com o vício em adultos.

Quadro 1 - Artigos selecionados para a revisão bibliográfica.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

Os estudos analisados *a priori* possuem similaridade em seus resultados, evidenciando os efeitos negativos na maneira como os indivíduos criam seus filhos, na saúde mental e física e nos comportamentos de pessoas que sofreram algum abuso. Sendo assim, os trabalhos foram agrupados em três categorias; A parentalidade em indivíduos vítimas de violência infantil; Efeitos do abuso sexual infantil na vida adulta e Violência infantil, transtornos psíquicos e comportamentos de risco.

A parentalidade em indivíduos vítimas de violência infantil

As vivências da infância sejam elas positivas ou negativas, constroem o modelo de relação e interação entre o indivíduo e as demais pessoas fora do seu ambiente nuclear, formando assim novos vínculos e ocasionalmente a construção de sua família. Portanto os modelos de criação dos pais sugerem a maneira como os filhos lidarão com a parentalidade. Ainsworth (1985) reitera isso em seu estudo afirmando que os estilos de apego dos indivíduos são altamente influenciados pela forma como os pais ou cuidadores os criam.

Para Bowlby (2006), um relacionamento seguro e amoroso permite a criança a desenvolver-se psicologicamente, explorando o ambiente ao seu redor - o que mais tarde a auxiliará na elaboração de sua sociabilidade e curiosidade. Já o rompimento desse laço afetivo provoca malefícios irreversíveis em sua personalidade, reduzindo os comportamentos de exploração e danificando suas relações interpessoais. Winnicott (1956/1982), por outro lado, traz o conceito da mãe suficientemente boa. Essa mãe propicia um ambiente facilitador para que o filho se desenvolva cognitiva e afetivamente, amparando suas necessidades fisiológicas e sucessivamente as necessidades de seu ego, enquanto a

ausência dessa figura leva a uma ruptura na continuidade do ser da criança, prejudicando assim o seu desenvolvimento (TELLES; SEI; ARUDA, 2010; VIEIRA, 2020; AINSWORTH; BOWLBY, 1991 *apud* SOUZA *et al.*, 2020).

Em um estudo feito no México por Suárez e Gallardo (2020), analisou-se a maneira como homens abusados na infância lidam com a sua parentalidade. Foram entrevistados seis participantes com idades entre 26 e 38 anos que relataram sofrer casos de negligência, abuso sexual e violência física por um ou ambos os pais. As autoras identificaram nos participantes consequências dos traumas infantis na vida adulta como incapacidade parental, emoções e vínculos inseguros, falta de flexibilidade e adaptação com as necessidades de desenvolvimento dos filhos, excesso de cuidados e falta de limites na criação, além de dificuldades em expressar sua sexualidade, dor emocional perante a falta de afeto dos pais, indiferença ou falta de apego com os filhos e medo intenso de violentá-los.

Schmidt *et al.* (2020) demonstraram por meio de um estudo realizado com pacientes que faziam atendimentos de psicoterapia psicodinâmica que os traumas sofridos na infância estão relacionados a sua representação de apego parental na vida adulta. Fizeram parte da pesquisa 180 indivíduos, a maioria sendo do sexo feminino (67%) com uma média de idade de 32 anos. Foram identificados diversos tipos de violência, como negligência, abuso emocional e abuso sexual. De todos os pacientes apenas 5% relataram não ter vivenciado nenhum tipo de trauma na infância. Em relação ao estilo de apego, predominou-se, tanto pelo lado materno quanto paterno, o controle sem afeto, sendo observado pelos autores que conviver com mães autoritárias pode resultar em um detrimento do desenvolvimento emocional. Já por parte do pai, a dominação está associada a diversos traumas. Por meio dos dados obtidos, constatou-se que o abandono e o trauma podem resultar em implicações negativas no desenvolvimento afetivo e intelectual da criança e por consequência em sua vida adulta.

Buscando identificar os desafios enfrentados na parentalidade de adultos que cresceram com pais que abusavam de substâncias químicas, Tedgård, Råstam e Wirtberg (2018) formularam uma pesquisa na forma de uma entrevista que tinha como foco a criação dos indivíduos e um questionário com um desenho transversal medindo o seu atual estilo de apego. Participaram do estudo 19 pessoas, sendo; 13 mulheres e 6 homens que relataram casos de negligência e abuso emocional constantes pareados com o suporte inadequado da comunidade em que estavam inseridos quando crianças. Os resultados mostraram que a maneira como os participantes foram criados, na maioria numa relação de apego inseguro, influenciou drasticamente seu estilo de criação para com os filhos, além de demonstrarem altos níveis de estresse parental por desejarem ser indubitavelmente diferente de seus genitores.

Portanto, averiguou-se que a parentalidade das vítimas de violência infantil pode ser prejudicada visto que o modelo familiar não proporcionou um ambiente seguro para o seu desenvolvimento. Sendo assim, observou-se que o a criação dos participantes

das pesquisas influenciou negativamente a maneira como estes são pais, ocasionando incapacidade e estresse parental, vínculo inseguro, indiferença ou excesso de cuidados com os filhos. Além disso, nota-se que em diversos participantes existe medo constante de reproduzir as ações violentas de seus genitores.

Efeitos do abuso sexual infantil na vida adulta

Embora a violência sexual ocorra sem discriminação de gêneros, é relatado em diversos estudos que o sexo feminino se encontra mais propenso a sofrer esse tipo de agressão, principalmente dentro do ambiente familiar (GAVA; SILVA; DELL'AGLIO, 2013). Em uma metanálise promovida por Stoltenborgh *et al.* (2011), constatou-se que as mulheres reportaram os casos de abuso com uma frequência maior do que os homens. Os autores atribuíram esse dado ao fato de que supostamente há uma maior ocorrência em meninas, ou que os meninos possuem uma atitude mais relutante em denunciar, visto que a sociedade enxerga o gênero masculino mais como um agressor do que uma possível vítima, provocando nos indivíduos sentimentos de fraqueza e fracasso, ou ainda que ambas as hipóteses possam ter correlação.

Ter sofrido abuso sexual infantil ocasiona danos imensuráveis em todos os aspectos da vida dos indivíduos, prejudicando principalmente a saúde mental, aumentando o risco de sofrer transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), podendo levar ao abuso de substâncias, baixa autoestima, satisfação de vida reduzida, dissociação, pensamentos suicidas, tentativas de suicídio, e depressão. Identificou-se também questões ligadas ao funcionamento psicosssexual, apresentando disfunção ou compulsão sexual, comportamento sexual de risco e menor satisfação sexual. (EASTON *et al.*, 2011; FERGUSSON; MCLEOD; HORWOOD, 2013; KAYE-TZADOK; DAVIDSON-ARAD, 2017).

López *et al.* (2017) visaram compreender o impacto do abuso sexual infantil nas relações sexuais e afetivas de mulheres adultas. A pesquisa foi feita em forma de um questionário estruturado, autoadministrado e anônimo com 1013 participantes, em sua maioria entre 30 e 49 anos de idade, atendidas pelo Programa de Atenção à Saúde Sexual e Reprodutiva na cidade da Catalunha. Os resultados demonstraram que as disfunções sexuais ocorreram com mais frequência nas mulheres vítimas de abuso sexual e que a percepção da satisfação sexual delas era reduzida. Nas situações em que houve penetração ou tentativas de penetração, observou-se maior dificuldade de excitação e alto nível de rejeição. Evidenciou-se também que mulheres que sofreram abuso sexual infantil mostraram menos confiança e mais dificuldades de comunicação com seus parceiros.

A pesquisa de Lira *et al.* (2017) investigou as repercussões do abuso sexual infantil na vida adulta. O estudo de caráter qualitativo e com entrevistas não estruturadas foi feito com nove mulheres entre 18 e 53 anos que frequentavam um Centro de Referência da Mulher (CRAM) no estado de Pernambuco. Foram identificadas alterações emocionais como baixa

autoestima, ideação e tentativas de suicídio, tentativas de homicídio e comportamento autodestrutivo. Além disso, o abuso vivenciado na infância interferiu nas relações afetivas das participantes que relataram implicações como comportamento sexual inadequado para a idade, dificuldades em encontrar sua identidade sexual ou em se relacionar com pessoas do sexo oposto e atingir prazer sexual.

Pode-se constatar que ambos os estudos analisados foram feitos com mulheres, fator que Stoltenborgh *et al.* (2011) ressaltam a possibilidade de que a violência sexual ocorra em mais pessoas do gênero feminino ou que devido a estigma de que homens não se encaixem como vítimas faça com que eles não denunciem. Além, disso verificou-se que o abuso sexual pode prejudicar os indivíduos em diversas esferas, como a saúde mental, as relações interpessoais e a sexualidade.

Portanto, as pesquisas proporcionaram uma reflexão acerca das possíveis consequências da violência sexual infantil na vida adulta. Ademais, observou-se que o estereótipo cultural que circunda a masculinidade pode contribuir ainda mais para a impunidade dos agressores, visto que, na maioria dos casos estes também são do sexo masculino, fazendo que os casos não sejam levados até a justiça por medo de ofensas homofóbicas. Por não ser relatado com a mesma frequência que o abuso de meninas, é um fenômeno pouco analisado e com baixa repercussão midiática. Diante disso, compreende-se que estudos sejam feitos investigando a temática com foco na perspectiva masculina afim de possibilitar a desestigmatização do assunto e que políticas públicas sejam criadas para garantir a proteção e o acolhimento dos indivíduos.

Violência infantil, transtornos psíquicos e comportamentos de risco

As experiências adversas vivenciadas na infância prejudicam o bem-estar físico e psicológico dos indivíduos, podendo ocasionar psicopatologias, em especial a depressão e tentativas de suicídio (MERRICK *et al.*, 2017). Entre todos os tipos de violência, foi constatado por Spinhoven *et al.* (2010) que a negligência emocional foi especificamente relacionada ao transtorno depressivo, distímia e fobia social. Os autores também observaram que as vítimas de negligência emocional em conjunto com o abuso sexual possuem predisposição a outros transtornos afetivos.

A exposição a tais eventos traumáticos está associada a uma má qualidade de vida na fase adulta incluindo obesidade, doenças cardíacas, agressividade, isolamento social, desemprego, comportamentos de risco e autodestrutivos como o uso de álcool e outras substâncias e comportamentos sexuais inadequados, servindo como um meio de lidar com as experiências estressantes e encobrendo, assim, os estados de humor negativos. (EASTON *et al.*, 2011; GAVA; SILVA; DELL'AGLIO, 2013; BELLIS *et al.*, 2014; MERRICK *et al.*, 2017).

Por meio de uma análise quantitativa descritiva transversal e correlacional, Vitriol

et al. (2017) buscaram determinar as variáveis clínicas e psicossociais associadas às experiências adversas na infância em adultos com depressão que utilizam os serviços da Atenção Básica à Saúde no Chile. Participaram da pesquisa 394 indivíduos, em sua maioria mulheres (86,8%) de meia idade que não exerciam atividade remunerada, com quadros de depressão crônicos e recorrentes e um terço com histórico de tentativas de suicídio. Os resultados demonstraram que os pacientes possuíam comorbidades biomédicas (55%) e psiquiátricas (89,1%) como a síndrome do pânico (29,3%), ansiedade generalizada (25%), agorafobia (23%), fobia social (16%) e estresse pós-traumático (14%). Observou-se que indivíduos com maior número de eventos adversos na infância possuíam quadros depressivos de maior severidade, com episódios mais prolongados e recorrentes.

Teixeira *et al.* (2017) realizaram uma metassíntese com o objetivo de investigar a correlação entre o estresse vivenciado no início da vida e o vício na fase adulta. Os autores identificaram diversos fatores que ocasionaram o estresse entre eles: violência física, emocional e psicológica, abuso sexual e negligência. Todos os estudos analisados relataram que os indivíduos utilizavam substâncias psicoativas, jogos de azar e sexo como forma de manejar seu passado com os eventos estressantes, sendo alguns casos iniciados ainda na infância. Identificou-se vícios em álcool, polissubstâncias, metanfetamina, crack, cocaína, ópio e heroína. Além do abuso de substância, observou-se que a dependência sexual, tabagismo, compulsão alimentar, jogos de azar foram utilizados como estratégias de enfrentamento para as situações estressantes de sua infância.

Por fim, as pesquisas forneceram evidências que possibilitaram a compreensão dos impactos negativos da violência infantil na saúde e bem-estar dos indivíduos, visto que, as situações estressantes vivenciadas nessa fase podem interromper o desenvolvimento sadio das crianças, desencadeando problemas de saúde (física e psicológica) na vida adulta. Observou-se que os transtornos de depressão e ansiedade foram os mais relatados, além de comorbidades como a obesidade, doenças cardíacas e hipertensão. Desse modo, nota-se que muitas vezes os comportamentos de risco, vícios em substâncias psicoativas, jogos de azar e sexo são utilizados como uma possível forma de enfrentamento e alívio emocional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os eventos traumáticos ocasionados pelas experiências adversas na infância prejudicam imensamente a vida dos indivíduos afetando a saúde e o bem-estar. As marcas deixadas pela violência perduram-se para além da infância e ocasionam sofrimentos imensuráveis, acarretando prejuízos físicos, emocionais, psicológicos e sociais.

Por meio de uma revisão sistemática fundamentada na literatura disponível, pôde-se investigar criteriosamente os estudos mais relevantes sobre a temática abordada. A análise feita em três idiomas proporcionou um repertório maior de dados que contribuíram

imensamente com a pesquisa.

Os resultados obtidos no presente estudo evidenciaram que a violência infantil provoca traumas imensuráveis, principalmente quando ocorrem dentro do lar, um local que deveria propiciar segurança e proteção para a criança. Verificou-se que a negligência (física e emocional), o abuso sexual e a violência física foram as formas de agressão mais recorrentes nos estudos. Referente às implicações encontradas, identificou-se que a falta de afeto e cuidado provocou nos indivíduos incertezas nas relações familiares, afetando principalmente a parentalidade marcada por dúvidas e medos. Essas situações de estresse podem ocasionar má qualidade de vida, podendo ocasionar a obesidade, comportamentos de risco e autodestrutivos e vícios, além de psicopatologias como a depressão, ansiedade, síndrome do pânico e fobia social. Por fim, constatou-se que as vítimas foram em sua maioria do gênero feminino, e que os familiares são em grande parte os ofensores.

Diante disso, observou-se que embora os trabalhos analisados em cada categoria sejam de diferentes países ou regiões, os resultados apresentados possuem certa similaridade, evidenciando que esses eventos prejudiciais não são exclusivos de uma determinada cultura ou classe econômica. Dessa forma, compreende-se que a violência infantil pode prejudicar ou interromper o desenvolvimento físico, psicológico, emocional e social dos indivíduos, ocasionando possíveis danos nas relações de apego e na identidade dos sujeitos, principalmente quando o agressor faz parte do círculo familiar.

Portanto, espera-se, por meio desta pesquisa, elucidar os implicações da violência infantil e como ela pode afetar negativamente a vida do indivíduo por toda sua existência. Desse modo, é imprescindível que novos estudos abordando a temática sejam feitos para uma maior compreensão acerca de sua complexidade e as impactos na vida adulta.

REFERÊNCIAS

AINSWORTH, Mary Dinsmore Salter. *Attachments across the life span*. **Bulletin of the New York Academy of Medicine**, vol. 61, n. 9, p. 792-812, nov. 1985. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1911889/> Acesso em: 22 out. 2021.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Violência doméstica contra crianças e adolescentes**: Um cenário em (des)construção. São Paulo, SP. 2003. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/professor/arquivos_alunos/doc_1280520336.pdf. Acesso em: 21 mar. 2021.

BELLIS, Mark A. *et al*. *Adverse childhood experiences: retrospective study to determine their impact on adult health behaviours and health outcomes in a UK population*. **Journal of Public Health**, v. 36, n. 1, p. 81-91, mar. 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23587573/>. Acesso em: 25 out. 2021.

BOULLIER, Mary; BLAIR, Mitch. *Adverse childhood experiences*. **Paediatrics and Child Health**. v. 28, issue 3, p. 132-137, mar. 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1751722217302913>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 25 mar. 2021.

BRASIL. Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_crianças_famílias_violencias.pdf. Acesso em: 23 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes metodológicas**: elaboração de revisão sistemática e metanálise de ensaios clínicos randomizados. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2012.

CEARÁ. Ministério Público. Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes – O Silêncio que Destrói Infâncias. Fortaleza, CE. 2020. Disponível em: <http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2020/12/CARTILHA-Viol%C3%Aancia-Sexual-contra-Crian%C3%A7as-e-Adolescentes.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2021.

DYE, Heather. *The impact and long-term effects of childhood trauma*. **Journal of Human Behavior in the Social Environment**. v. 28, issue 3, p. 381-392, feb. 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10911359.2018.1435328>. Acesso em: 13 ago. 2021.

EASTON, Scott D. *et al. The Effect of Childhood Sexual Abuse on Psychosexual Functioning During Adulthood*. **Journal of Family Violence**, v. 26, p. 41-50, 2011. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10896-010-9340-6>. Acesso em: 22 out. 2021.

FERGUSON, David M.; MCLEOD, Geraldine F.; HORWOOD, L. John. *Childhood sexual abuse and adult developmental outcomes: findings from a 30-year longitudinal study in New Zealand*. **Child Abuse & Neglect**, v. 37, issue 9, p. 664-674, sept. 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0145213413000859>. Acesso em: 22 out. 2021.

GAVA, Lara Lages; SILVA, Doralúcia Gil da; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Sintomas e Quadros Psicopatológicos Identificados nas Perícias em Situações de Abuso Sexual Infanto-Juvenil. **Psico**, v. 44, n. 2, p. 235-244, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11467>. Acesso em: 25 out. 2021.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da Violência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

KAYE-TZADOK, Avital; DAVIDSON-ARAD, Bilha. *The Contribution of Cognitive Strategies to the Resilience of Women Survivors of Childhood Sexual Abuse and Non-Abused Women*. **Violence Against Women**. v. 23, n. 8, p. 993-1015, jul. 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27312118/>. Acesso em: 25 out. 2021.

KRUG, Etienne G. *et al. World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization, 2002.

LIRA, Margaret Olinda de Souza Carvalho *et al. Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta*. **Texto & Contexto – Enfermagem**. v. 26, n. 3, e0080016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/Fq8Cg6F7bcbZRNhxFqKTMTR/?lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2021.

LOPEZ, Sílvia *et al.* *Impacto del abuso sexual durante la infancia-adolescencia en las relaciones sexuales y afectivas de mujeres adultas.* **Gaceta Sanitaria**, Barcelona, v. 31, n. 3, p. 210-219, jun. 2017. Disponível em: https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0213-91112017000300210. Acesso em: 11 out. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MERRICK, Melissa T. *et al.* *Unpacking the impact of adverse childhood experiences on adult mental health.* **Child Abuse & Neglect**, v. 69, p. 10-19, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0145213417301084>. Acesso em: 23 out. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.

NJAINE, Kathie; ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia. **Impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Child maltreatment**. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/child-maltreatment>. Acesso em: 15 mar. 2021.

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. bras. fisioter.**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbfi/a/79nG9Vk3syHhnSgY7VsB6jG/?lang=pt>. Acesso em: 27 maio 2021.

SILVA, Lygia Maria Pereira da. **Violência doméstica contra a criança e o adolescente**. 2002. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/violencia_crianças_adolesc.pdf. Acesso em: 18 mar. 2021.

SOUZA, Adriano Junio Moreira de *et al.* *Revisiting Bowlby's hypothesis: attachment theory, neuroendocrine maturation and predisposition to psychopathologies.* **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, p. e3579119895, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9895>. Acesso em: 28 out. 2021.

SUAREZ, Viviana C.; GALLARDO, Cinthya del Carmen G. *Impacto en la parentalidad en hombres abusados en su infancia.* **Horiz. sanitario**, Villahermosa, v. 19, n. 3, p. 341-353, dic. 2020. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-74592020000300341. Acesso em: 24 ago. 2021.

SCHMIDT, Fernanda Munhoz Driemeier *et al.* Associação entre traumas na infância e a representação de apego parental na vida adulta. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, vol. 22, n. 2, ago. 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/fr/biblio-1224564>. Acesso em: 24 ago. 2021.

SPINHOVEN, Philip *et al.* *The specificity of childhood adversities and negative life events across the life span to anxiety and depressive disorders.* **Journal of Affective Disorders**, v. 126, p. 103-112, 2010. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20304501/>. Acesso em 25 out. 2021.

STOLTENBORGH, Marije *et al.* *A global perspective on child sexual abuse: Meta-analysis of prevalence around the world.* **Child Maltreatment**, v. 16, n. 2, p. 79-101, may, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21511741/>. Acesso em: 25 out. 2021.

TEDGÅRD, Eva; RÅSTAM, Maria; WIRTBERG, Ingegerd. *Struggling with one's own parenting after an upbringing with substance abusing parents. **International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being.*** Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29482480/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

TEIXEIRA, Carla Araujo Bastos *et al.* *An exploration of addiction in adults experiencing early-life stress: a metanalysis. **Rev. Latino-Am. Enfermagem,*** v. 25, e2939, 2017. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692017000100607. Acesso em: 15 out. 2021.

TELLES, Josiane Cristina Coradi Prado; SEI, Máira Bonafé; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. Comunicação silenciosa mãe-bebê na visão winnicottiana: reflexões teórico-clínicas. **Aletheia,** Canoas, n. 33, p. 109-122, dez. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000300010. Acesso em: 22 out. 2021.

VIEIRA, Francielly Cardoso. A importância do apego nos anos iniciais de vida: uma breve visão à luz da teoria de John Bowlby e de Winnicott. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento,** ano 05, ed. 07, vol. 01, p. 128-135. jul. 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/importancia-do-apego>. Acesso em: 09 set. 2021.

VITRIOL, Verónica *et al.* *Depresión adulta y experiencias infantiles adversas: evidencia de un subtipo depresivo complejo en consultantes de la atención primaria en Chile. **Rev. méd. Chile,*** Santiago, v. 145, n. 9, p. 1145-1153, sept. 2017. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0034-98872017000901145&script=sci_abstract. Acesso em: 15 out. 2021.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso infantil 22, 23, 25

Ansiedade 183

Aprendizagem 49, 50, 51, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 79, 83, 86, 87, 95, 101, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 150, 154, 159, 161, 165, 166, 171

Audiovisual 36, 38, 42, 43, 44

Autismo 48, 49, 50, 51, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 150, 151, 163, 164, 165, 167, 169, 170, 172

B

Bem-estar 18, 23, 24, 30, 31, 88, 95, 102, 143, 165

Benefícios 129, 163, 165, 166, 168, 170, 171, 172, 173

Brincadeira 139, 147, 148, 149, 151

C

Carência 61

Ciências da comunicação 108, 119, 125

Conto de fadas 11, 19

Controle Parental 129, 130, 133, 137

Crianças 17, 22, 23, 24, 25, 28, 31, 32, 33, 49, 50, 51, 65, 66, 67, 68, 73, 78, 79, 94, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 166, 170, 171, 172, 173

D

Depresión 27, 35

Diagnóstico 40, 49, 51, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 91, 138, 140, 142, 143, 150, 166, 168, 169, 171, 175, 184

E

Educação 20, 47, 49, 53, 54, 55, 57, 59, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 109, 114, 115, 116, 117, 120, 124, 126, 127, 128, 129, 140, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 161, 162, 164, 166, 170, 171, 172, 185

Equitação terapêutica 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173

Equoterapia 172, 173

Estratégias 6, 31, 51, 115, 123, 152, 154, 158, 160, 164, 171

Estresse 23, 27, 28, 29, 31, 32, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 97, 98

G

Gestão democrática 52

H

Habilidades sociais 50, 69, 70, 71, 76, 77, 78, 79, 80, 144, 146

História Psicologia Brasil 70

I

Impacto 24, 26, 27, 29, 33, 34, 48, 52, 59, 61, 63, 64, 65, 66, 78, 82, 84, 85, 89, 100, 163, 172, 177

Interdisciplinar 46, 52, 57, 58, 123, 124

Internet 43, 44, 46, 95, 108, 109, 115, 124, 125, 127, 128, 130, 131, 132, 138

J

Jogos 31, 129, 130, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

Jovens 96, 114, 115, 116, 123, 126, 128, 129, 131, 132, 136, 137

L

LGBTQIAP+, 36, 37, 45

Limites 28, 46, 71, 77, 87, 94, 112, 147, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 174

Lúdico 50, 139, 147, 148, 149

Lutas sociais 40, 52

M

Mulher 7, 9, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 21, 27, 29, 44, 45

P

Paciente 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183

Pandemia 46, 52, 56, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101

Paralisia cerebral 173

Parentalidade 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 26, 27, 28, 32, 160

Perturbação do espectro do autismo 163, 164, 165, 167

Política social 53

Professores 71, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 107, 140, 144, 146, 147, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 161, 172

Profissional de Psicologia 61, 62

Psicanálise 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 78, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 125, 126, 127, 185

Psicologia 1, 2, 8, 9, 10, 35, 36, 40, 47, 51, 52, 57, 61, 62, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 96, 100, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 160, 161, 162, 165, 167, 172, 185

Psicologia social 108, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124

Psicólogo escolar 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 81

Psicoterapia 28, 34, 114, 117, 118, 124, 173, 174, 176, 177, 183

Q

Quostodio 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138

R

Redes sociais 43, 45, 75, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 137

representação estudantil 52, 56

Representação social 11, 12, 18, 43, 127

Representatividade 21, 36, 40, 42, 43, 45, 155

S

Síndrome de Burnout 82, 83, 87, 88, 90, 92, 97, 100

V

Vida adulta 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 78

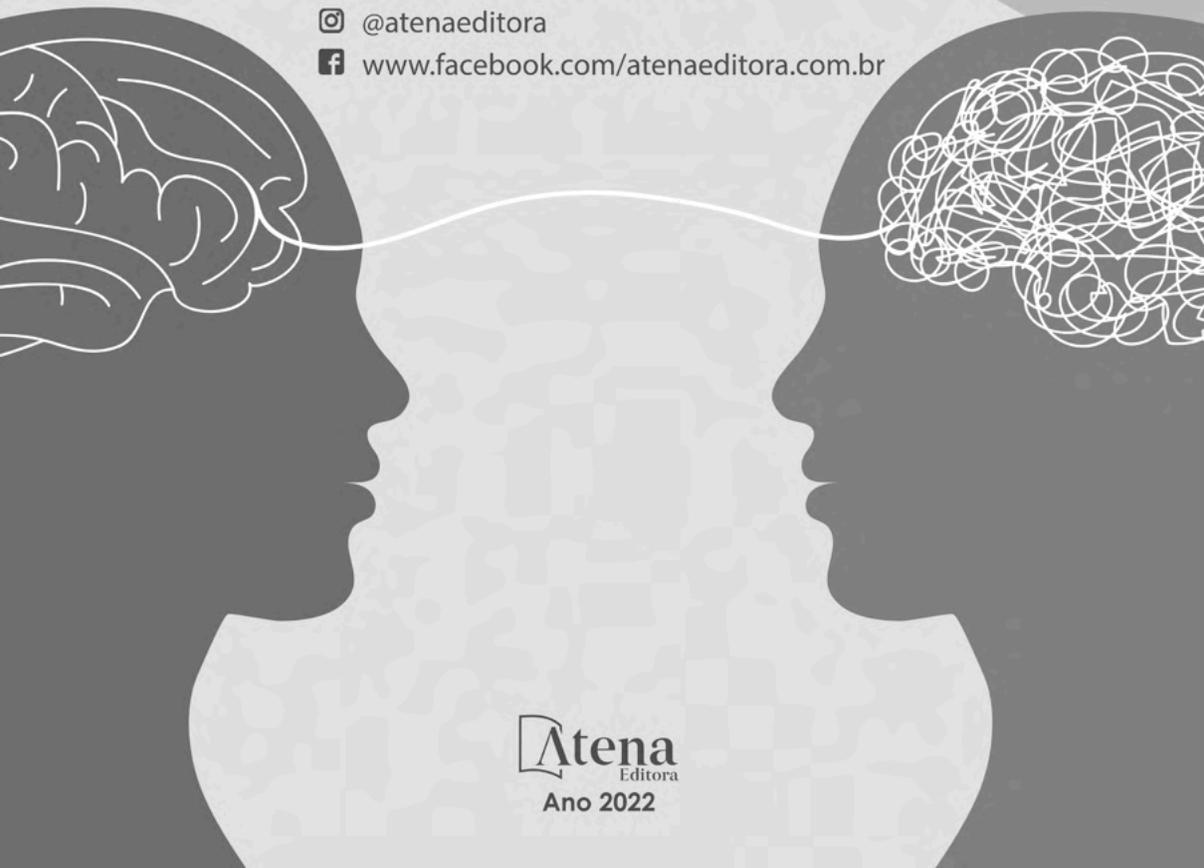
Violência infantil 22, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32

Vulnerabilidade 1, 2, 6, 7, 8, 9, 37, 47, 58, 87, 117

A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

3

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



 **Atena**
Editora
Ano 2022

A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

3

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br




Ano 2022